

**DESTRUIÇÃO LÍQUIDA DE EMPREGO EM DOIS TRIMESTRES CONSECUTIVOS****RESUMO DESTE ESTUDO**

Contrariamente às promessas feitas por Sócrates durante a campanha eleitoral que criaria 150.000 postos de trabalho líquidos, e às afirmações do ministro do Trabalho que se estava a registar criação de emprego líquido em Portugal, os dados divulgados pelo INE referentes ao 1º Trimestre de 2007 revelam que isso não está a verificar, tendo-se registado, nos dois últimos trimestres precisamente o contrário, ou seja, uma destruição líquida de emprego, já que se reduziu o emprego total no País em 50.800 postos de trabalho, o que corresponde a 1% de todo o emprego que existia no País ( o emprego total nos dois últimos trimestres baixou de 5.186.700 para 5.135.900). Tanto a taxa de desemprego oficial como a taxa de desemprego corrigida, esta última que traduz de uma forma mais próxima a realidade do desemprego no nosso País, continuaram a crescer. Assim, no 1º trimestre de 2007, a taxa oficial de desemprego atingiu 8,4%, a mais elevada dos últimos 21 anos, e a taxa de desemprego corrigida 10,9%, tendo atingido desemprego oficial 469.900, e o desemprego corrigido 611.300. E tenha-se presente que, também segundo o INE, apenas cerca de 41% dos que “procuram novo emprego”, ou seja, 165.000 desempregados é que têm direito a receber subsidio de desemprego.

Por outro lado, entre o 1º Trimestre de 2006 e o 1º Trimestre de 2007, os contratos a tempo parcial e a prazo aumentaram, respectivamente +17,3% e +10,8%, enquanto os contratos a tempo completo e por tempo indeterminado diminuíram, respectivamente, -0,4% e -2,4%, o que revela um crescimento rápido da precariedade em Portugal. No entanto, só se consegue ter uma ideia verdadeira da dimensão que atinge já a precariedade em Portugal se se tiver também presente que cerca de 42,3% dos chamados trabalhadores por “conta própria como isolados”, portanto sem empregados, são técnicos e profissionais de nível intermédio, empregados de escritório, operários, operadores de máquinas e trabalhadores não qualificados, portanto na sua maioria “falsos recibos verdes”, o que corresponde a um total de 373.551 no 1º Trimestre de 2007 (os restantes, ou seja, 510.089 que estavam incluídos naquela data no grupo de “Trabalhadores por conta própria como isolados”, são directores e gerentes de empresas, profissões intelectuais e científicas, e agricultores e pescadores)

Enquanto a realidade do desemprego ganha nova e maior gravidade, o IEFP, controlado pelo Ministério do Trabalho, tem levado a cabo uma gigantesca campanha de manipulação dos números dos desempregados inscritos nos centros de emprego, com objectivo, por um lado, de desacreditar o INE, já que os números que este tem divulgado não são do agrado nem do governo nem do poder económico e, por outro lado, para levar a opinião pública a pensar que o desemprego está a diminuir. Embora o número de novos desempregados que se inscrevem mensalmente nos Centros de emprego seja, em média, quase 10 vezes superior ao número de colocações mensais ( o saldo dos novos inscritos menos as colocações tenha sido, em 2005, de 509.444; em 2006, de 513.911 e, em 2007 só até a Abril, de 159.285), os responsáveis pelo IEFP têm divulgado todos os meses reduções no desemprego registado (Jan.2005: 471.639 desempregados; Dez2005: 468.115; Dez2006: 440.125; Abril 2007: 408.840). Confrontados no Conselho de Administração do IEFP pelos representantes da CGTP para explicarem tão elevado número de anulações administrativas de desempregados, os responsáveis por aquele instituto recusaram esclarecer, o que só pode contribuir para aumentar as suspeitas da falta de consistência técnica e de falta de credibilidade que pesavam já sobre os dados do desemprego registado divulgados mensalmente pelo IEFP.

Um dos argumentos mais utilizados por Sócrates durante a campanha eleitoral é, que se fosse governo, criaria milhares de novos postos de trabalho. Prometeu mesmo a criação 150.000 novos postos de trabalho líquidos, o que levou muitos portugueses a votarem no PS. Durante todo o ano de 2006, o ministro Vieira Silva afirmava, nomeadamente na Assembleia da República aquando do debate do OE2007, afirmou que o emprego líquido estava a crescer em Portugal tendo sido já criados mais de 50.000 novos postos de trabalho. Os dados do INE mostram que isso não está a acontecer, estando-se a verificar precisamente o contrário. O quadro seguinte, construído com últimos dados divulgados pelo INE, revela que o que está a suceder é mesmo a destruição líquida de emprego, o que determina que o número de postos de trabalho existentes no País esteja a diminuir.

**QUADRO I - Variação do emprego em Portugal :3º Trimestre de 2006 / 1º Trimestre de 2007**

GRUPOS PROFISSIONAIS	3ºT2006	4ºT2006	1ºt2007	1T07-3T06	VARIAÇÃO
	Milhares				1T07-3T06
Quadros superiores e dirigentes Ad.Pub e empresas	397,3	391,5	376,6	-20,7	-5,2%
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	446,2	454,4	454,8	8,6	1,9%
Técnicos e profissionais de nível intermédio	439,0	458,4	450,4	11,4	2,6%
Pessoal administrativo e similares	495,3	483,5	484,8	-10,5	-2,1%
Pessoal dos serviços e vendedores	749,8	741,9	746,9	-2,9	-0,4%
Agricultores e trabalhadores qualif. Agricultura, pescas	568,2	548,3	554,7	-13,5	-2,4%
Operários, artífices e trabalhadores e similares	1.025,1	998,4	990,8	-34,3	-3,3%
Operadores de instalações, maquinas e trab. Montagem	409,2	411,0	408,2	-1,0	-0,2%
Trabalhadores não qualificados	626,3	624,3	637,4	11,1	1,8%
Forças Armadas	<b>30,3</b>	<b>31,1</b>	<b>31,3</b>	1,0	3,3%
<b>EMPREGO TOTAL</b>	<b>5.186,7</b>	<b>5.142,8</b>	<b>5.135,9</b>	<b>-50,8</b>	<b>-1,0%</b>

**FONTE: Estatísticas de Emprego - 1º Trimestre de 2007 – INE**

Assim, entre o 3º Trimestre de 2006 e o 1º Trimestre de 2007, portanto em dois trimestres consecutivos, verificou-se uma destruição líquida de emprego no nosso País que determinou o desaparecimento de 50.800 postos de trabalho, o que corresponde a cerca de 1% do emprego existente, já que o emprego total baixou de 5.186.700 para 5.135.900. Os grupos profissionais mais atingidos foram os “Quadros superiores” (- 20.700 postos de trabalho) e os “Operários” (- 34.300 postos de trabalho). Portanto, contrariamente ao prometido por Sócrates durante a campanha eleitoral e ao afirmado por Vieira da Silva durante o debate do OE2007 na Assembleia da República, não só não se está a verificar o aumento líquido de emprego, mas o que está a suceder é precisamente o contrário, ou seja, uma destruição líquida do emprego existente que já era insuficiente para evitar o aumento do desemprego no País, o que está a contribuir para um maior agravamento do problema do desemprego em Portugal, com graves consequências sociais.

**A TAXA DE DESEMPREGO CORRIGIDO JÁ ULTRAPASSOU OS 10% E CONTINUA A CRESCER**

Não é apenas a taxa de desemprego oficial que continua a crescer, mas também a taxa de desemprego corrigido, que traduz com maior verdade o desemprego real, que continua a aumentar, como revelam os dados do INE constantes do quadro seguinte.

**QUADRO II – Variação no desemprego oficial e no desemprego corrigido : 2005-2007**

DESIGNAÇÃO	1º TRIMESTRE			VARIAÇÃO - 1ºT2007/1ºT2005	
	2005	2006	2007	Mil	Em %
1-ACTIVOS – Mil	5.507,0	5.556,6	5.605,6	<b>98,6</b>	<b>1,8%</b>
<b>2-DESEMPREGO OFICIAL – Mil</b>	<b>412,6</b>	<b>429,7</b>	<b>469,9</b>	<b>57,3</b>	<b>13,9%</b>
3-Inactivos Disponíveis - Mil	74,9	79,9	75,3	<b>0,4</b>	<b>0,5%</b>
4- Subemprego visível – Mil	61,4	65,1	66,1	<b>4,7</b>	<b>7,7%</b>
<b>5-DESEMPREGO CORRIGIDO - Mil = (2+3+4)</b>	<b>548,9</b>	<b>574,7</b>	<b>611,3</b>	<b>62,4</b>	<b>11,4%</b>
<b>6-TAXA OFICIAL DE DESEMPREGO = (2 : 1)</b>	<b>7,5%</b>	<b>7,7%</b>	<b>8,4%</b>		
<b>7-TAXA CORRIGIDA DE DESEMPREGO = (5:1)</b>	<b>10,0%</b>	<b>10,3%</b>	<b>10,9%</b>		

**FONTE: Estatísticas do Emprego : 1ºTrimestre de 2005, 2006 e 2007 – INE**

O desemprego oficial não traduz com rigor o verdadeiro desemprego por várias razões. Em primeiro, porque, como consta da nota explicativa do próprio INE incluída na publicação “Estatísticas de Emprego”, para ser considerado como empregado basta que um indivíduo com mais de 15 anos tenha “efectuado um trabalho de pelo menos uma hora no período de referência” (período de referencia correspondem a 3 semanas anteriores ao inquérito), portanto é suficiente trabalhar uma hora para que o INE o considere empregado, o que determina que um indivíduo nesta situação, embora seja realmente um desempregado, seja considerado empregado e esteja excluído do número oficial de desempregados. Por outro lado, para não ser incluído no número oficial de desempregados basta que um indivíduo, embora desempregado, “ não tenha procurado um trabalho no período de referência”, portanto se um desempregado não procurar emprego não é considerado oficialmente como desempregado segundo o INE.

Se somarmos os dados também publicados pelo INE referentes aos chamados “inactivos disponíveis”, que não são incluídos no número oficial de desempregados apenas por não terem procurado emprego embora estejam desempregados,, e ao “subemprego visível”, que são

considerados oficialmente como empregados apesar de trabalharem uma ou poucas mais horas por semana, obtém-se para o 1º Trimestre de 2007 o número de 611.300, que chamamos “desemprego corrigido”, e não apenas 469.900 que é o número oficial de desempregados. E a taxa de desemprego, no 1º Trimestre de 2007, passa de 8,4%, que é a taxa oficial de desemprego, para 10,9%, que é taxa de desemprego corrigida que, pelas razões expostas anteriormente, está muito mais próxima do desemprego real existente no País do que os 8,4% que é a taxa oficial de desemprego que os media divulgam. E como mostram também os dados do quadro esta elevada taxa tem crescido continuamente.

### **CRESCERAM OS CONTRATOS A TEMPO PARCIAL E A PRAZO E DIMINUIRAM OS CONTRATOS A TEMPO COMPLETO E POR TEMPO INDETERMINADO**

Outro aspecto preocupante que revelam os dados que o INE referentes ao 1º Trimestre de 2007, é o aumento da precariedade no nosso País, como mostra o quadro seguinte que se construiu com a informação disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estatística

**QUADRO III – Variação do emprego dos trabalhadores por conta de outrem por tipos de contratos**

TIPO DE CONTRATO	TCO – Mil		VARIACÃO 1º Trimestre 2007-1Tº. 2006	
	1ºT. 2006	1ºT. 2007	Mil	%
<b>A tempo completo</b>	<b>3.672,2</b>	<b>3.657,2</b>	<b>-15,0</b>	<b>-0,4%</b>
A tempo parcial	192,7	226,0	33,3	17,3%
<b>Contrato por tempo indeterminado</b>	<b>3.122,8</b>	<b>3.047,7</b>	<b>-75,1</b>	<b>-2,4%</b>
Contrato a prazo	583,6	646,7	63,1	10,8%

FONTE: Estatísticas do Emprego - 1º Trimestre de 2007 – INE

Portanto, em Portugal, como mostram os dados do quadro, o emprego dos trabalhadores por conta outrem está a diminuir a nível de contratos a tempo completo e também a nível de contratos por tempo indeterminado, e está a aumentar os contratos a tempo parcial, a maior parte deles determinado pelo facto do trabalhador não encontrar a tempo completo, e também está a crescer de uma forma rápida os contratos a prazo. A precariedade crescente das relações de trabalho torna-se assim clara.

No entanto, só se consegue ter uma ideia verdadeira da dimensão que atinge a precariedade em Portugal se se tiver presente que cerca de 42,3% dos chamados trabalhadores por “conta própria como isolados”, portanto sem empregados, são técnicos e profissionais de nível intermédio, empregados de escritório, operários, operadores de máquinas e trabalhadores não qualificados, portanto na sua maioria “falsos recibos verdes”, o que corresponde a um total de 373.551 no 1º Trimestre de 2007 (os restantes, ou seja, 510.089, 16,3% são directores e gerentes de empresas, 4,4% são de profissões intelectuais e científicas, e 37% são agricultores e pescadores)<sup>1</sup>

### **A MANIPULAÇÃO DOS DADOS DO EMPREGO REGISTADO PELO IEFP**

Paralelamente a tudo isto, está-se a observar uma gigantesca campanha de manipulação dos dados do emprego registado pelo IEFP com o objectivo, por um lado, de criar a falsa ilusão a nível de opinião pública que o desemprego está a diminuir e, por outro lado, para desacreditar os dados do INE que não agradam nem ao governo nem ao poder económico, que tudo têm feito para esconder a grave situação que já atinge centenas de milhares de trabalhadores que continua a crescer e para justificar medidas que visam objectivamente AINDA um maior agravamento da situação já existente neste campo (ex. a “flexigurança”, e as alterações ao Código do Trabalho que o governo tem na forja com a justificação de que só assim é se conseguirá “aumentar a competitividade”).

Uma simples análise dos dados publicados mensalmente pelo IEFP nos anos 2005, 2006 e 2007 sobre o desemprego registado torna imediatamente visível a gigantesca manipulação que está a ser feita, visando branquear a gravidade da situação neste campo e enganar a opinião pública. O quadro seguinte, construído com os dados mensais publicados pelo IEFP, torna evidente e clara essa manipulação.

<sup>1</sup> Utilizou-se para os cálculos referente ao 1º Trimestre de 2007, a composição (estrutura) dos “Trabalhadores por conta própria” referente a 2004 que se encontra na publicação “Flexibilidade e Segurança no Mercado de Trabalho – 2006 – Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social

**QUADRO IV – Desempregados inscritos mensalmente, colocações mensais, e numero total de desempregados existentes no fim do mês divulgados pelo IEFP - Dados referentes ao Continente**

RÚBRICAS	JAN.	FEV.	MAR.	ABRIL	MAIO	JUN.	JULHO	AG.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.	TOTAL
<b>DESEMPREGO NO FIM DO MÊS (Total existente no fim do mês)</b>													
2005	471.639	475.602	472.771	467.166	459.194	453.207	450.215	454.662	472.114	473.813	474.862	468.115	
2006	479.552	476.229	468.470	457.958	445.949	431.621	426.340	426.127	437.246	440.807	445.308	440.125	
2007	444.390	438.073	428.997	408.401									
<b>Desemprego no mês (inscritos no mês)</b>													
2005	54.555	42.630	45.752	42.914	41.625	40.682	41.702	41.172	67.070	51.007	51.258	41.191	561.558
2006	58.798	42.335	50.258	37.377	42.462	40.532	42.343	41.851	63.263	55.518	52.210	40.445	567.392
2007	54.951	41.269	44.911	36.511									177.642
<b>Colocações no mês</b>													
2005	3689	3834	4660	4835	5145	4783	4439	3991	4796	4247	4479	3216	52114
2006	4144	4113	4997	4601	5685	4931	4154	3965	4922	4973	4200	2796	53481
2007	4049	4165	5519	4624									18357
<b>Desemprego no mês (-) Colocações no mês</b>													
2005	50.866	38.796	41.092	38.079	36.480	35.899	37.263	37.181	62.274	46.760	46.779	37.975	509.444
2006	54.654	38.222	45.261	32.776	36.777	35.601	38.189	37.886	58.341	50.545	48.010	37.649	513.911
2007	50.902	37.104	39.392	31.887									159.285

FONTE: Informação Mensal do Mercado de Emprego – IEFP

Para se poder ficar com uma ideia do carácter insólito da diminuição continua do desemprego registado que todos os meses o IEFP tem anunciado, basta comparar os dados do numero de desempregados que todos os meses se inscrevem nos Centros de Emprego – linha do quadro com a designação “Novo desemprego registado no mês” – com os dados das colocações mensais - Linha do quadro com a designação “colocações no mês”. Como mostram os dados o numero de novos desempregados que se registam em cada mês é , em média , 10 vezes superior ao das colocações. Por ex., em 2005, a soma dos novos desempregados que se inscreveram em cada mês atingiu 561.558 e o tal de colocações foi apenas de 52.114; em 2006, a soma dos novos desempregados atingiu 567.392 e o número de colocações nesse ano somou apenas 53.481; em 2007, até a Abril, o numero de novos desempregados que se inscreveram nos Centros de Emprego já atinge 177.642 e o numero de colocações também até a Abril foi apenas de 18.357. Apesar do número de colocações ser consideravelmente inferior ao numero de desempregados que se registam todos os meses nos centros de emprego (em média, pouco mais de 1/10), os responsáveis do IEFP conseguem o inexplicável milagre: de apresentar reduções em quase todos os meses do numero de desempregados. Assim, segundo os dados divulgados pelo IEFP, em Janeiro de 2005 existiam 471.639 desempregados registados, em Dezembro desse ano já eram 468.115, em Dezembro de 2006 tinham diminuído para 440.125 e, em Abril de 2007 já eram apenas 408.401. Confrontado pelos representantes da CGTP no Conselho de Administração do IEFP com tão estranho e inexplicável fenómeno do desaparecimento de um numero extremamente elevado de desempregados que se inscreveram nos centros de emprego mas que não aparecem no total de desempregados divulgados todos os meses pelo IEFP, os responsáveis deste instituto publico dependente directamente do Ministério do Trabalho recusaram-se a esclarecer a situação, o que só aumentou as suspeitas sobre a falta de credibilidade dos números sobre o desemprego registado divulgados mensalmente pelo IEFP pois, como diz o ditado popular, “quem não deve não teme”

**Eugénio Rosa**

**Economista , 19.5.2007**

[edr@mail.telepac.pt](mailto:edr@mail.telepac.pt), Tel. 917 576 313

